

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE**

**Ana Carolina Silveira e Silva Streit**

**Homens acusados de violência contra mulher:  
avaliação qualitativa de um protocolo de intervenção**

Porto Alegre  
2022

**Ana Carolina Silveira e Silva Streit**

**Homens acusados de violência contra mulher: avaliação qualitativa  
de um protocolo de intervenção**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Mariana Gonçalves Boeckel

Porto Alegre

2022

### Catálogo na Publicação

Silveira e Silva Streit, Ana Carolina  
Homens acusados de violência contra mulher: avaliação  
qualitativa de um protocolo de intervenção / Ana Carolina  
Silveira e Silva Streit. -- 2022.  
99 p. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de  
Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, 2022.

Orientador(a): Mariana Gonçalves Boeckel.

1. violência contra mulher. 2. intervenção com homens.  
3. prevenção de violência. 4. violência por parceiro  
íntimo. 5. masculinidade. I. Título.

# **Homens acusados de violência contra mulher: avaliação qualitativa de um protocolo de intervenção**

## **BANCA AVALIADORA**

---

Prof. Dr. Adriano Beiras  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Angélica Paula Neumann  
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

---

Profa. Dra. Luciana Suárez Grzybowski  
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Porto Alegre

2022

A todos aqueles que passaram por situações de violência. Que não falte esperança para se construir um novo caminho, sempre que necessário.

## AGRADECIMENTO

Àquela que esteve presente antes mesmo que tudo isso fosse possível, minha orientadora, Mariana Boeckel, por momentos de sensibilidade, confiança e esperança. Mari, você sempre será uma parte essencial na minha história, tanto pessoal quanto profissional. O nosso encontro permitiu que eu ampliasse meu olhar de tantas formas que nem sei descrever. Obrigada por me ensinar tanto.

À minha base mais preciosa, Rafael, por ser uma rede na qual posso ensaiar voos altos, me preparar para pulos corajosos, e também descansar ou apenas ser. Obrigada por compreender minha ausência, incentivar minhas aspirações e ser meu melhor amigo até hoje. Te amo.

Aos meus pais, por me ensinarem os mais lindos valores como honestidade, perseverança e simplicidade. À minha mãe, pelo modelo de valorização do conhecimento, sempre dedicada ao aprender e ao ensinar. E ao meu pai, por ser tão resiliente e humilde.

À minha colega Paola, que hoje posso chamar de amiga, por todo acolhimento, encorajamento e parceria. Agradeço a todos os colegas e professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia e Saúde da UFCSPA, por terem sido elos tão preciosos dessa construção. Nossa convivência foi essencial, e desde o primeiro segundo me senti privilegiada por estar ao lado de pessoas tão incríveis como todos vocês. Agradeço à UFCSPA, pela oportunidade de ter estudado em uma universidade pública que tanto admiro, de imensa relevância e referência, que me possibilitou fazer parte de um programa de pós-graduação com mestres excelentes. Esse mestrado foi um presente em diferentes sentidos.

Ao grupo de estudos Famílias & Contextos, por todo trabalho, reflexão e comunhão. Ter vocês tornou todo o processo mais rico de inúmeras formas. Vocês foram e são a materialização da frase do Napoleon Hill: *"Reunir-se é um começo, permanecer juntos é um progresso, e trabalhar juntos é um sucesso"*. É dessa forma que nos vejo, um grupo fortalecido e sensível à caminhada de cada um.

Com imensa gratidão, honro e lembro de todos os professores que já passaram pela minha vida. Se posso hoje, literal & simbolicamente, escrever esse parágrafo foi porque muitos mestres ajudaram a tornar isso realidade.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma com essa realização. Sei que esse passo só foi possível pela generosidade e ajuda de muitas pessoas. Muito obrigada.

“Deus me fez um cara fraco, desdentado e feio  
Pele e osso simplesmente, quase sem recheio  
Mas se alguém me desafia e bota a mãe no meio  
Eu dou pernada e nem me despenteio  
Eu tô de saco cheio [...]

Diz que deu, diz que dá  
E se Deus negar, ó nega  
Eu vou me indignar e chega  
Deus dará, Deus dará

Deus me deu mão de veludo pra fazer carícia  
Me deu muita saudade, muita preguiça  
Deus me deu perna comprida e muita malícia  
Que é pra correr atrás de bola e fugir da polícia  
Um dia ainda sou notícia”

*Chico Buarque*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Trecho da música Partido Alto, composta por Chico Buarque

## RESUMO

Levando-se em conta a necessidade de estudos acerca de intervenções com homens acusados de violência como uma forma de prevenção e erradicação da mesma, este estudo se propôs a avaliar os resultados provenientes da avaliação de processo e de grupos focais do protocolo Grupo Psicoeducativo com Homens Acusados de Violência Contra a Mulher (GPHAV), nas modalidades presencial e on-line. Esta dissertação é composta por dois artigos que retratam a intervenção com homens e possui delineamento qualitativo, de cunho exploratório e descritivo. O primeiro artigo refere-se a análise qualitativa de dois grupos focais que fizeram parte do protocolo, sendo um grupo focal realizado no início e outro ao final da intervenção. Com este estudo, foi possível conhecer as principais perspectivas dos homens acerca de temas como machismo, violência, conflitos na vida a dois, impacto dos problemas conjugais, responsabilidade nos conflitos e estereótipos de gênero. Além disso, considerou-se o fator grupal da intervenção como fundamental para que fosse possível aos homens contrastar informações trazidas pela intervenção às suas perspectivas antigas, flexibilizando-as e construindo novas compreensões. Já o segundo artigo refere-se aos resultados da avaliação qualitativa de processo a respeito de uma intervenção com homens acusados de violência, de acordo com os critérios da mesma: recrutamento, contexto, fidelidade, dose entregue, dose recebida, alcance e implementação. Entende-se que a intervenção permitiu aos participantes, a partir de um espaço de acolhimento e confiança, a assimilação de novas informações e construção de novas concepções, mais flexíveis, e ainda assumir uma postura mais crítica diante de temas como o machismo. Considera-se que muito ainda precisa ser compreendido e realizado para o efetivo combate à violência na realidade brasileira, para tanto, sugere-se mais pesquisas sistematizadas, além de estudos que possam analisar os impactos dessas intervenções a longo prazo.

**Palavras-chave:** Violência; Violência Contra Mulher; Violência por Parceiro Íntimo; Gênero; Masculinidade; Homens; Avaliação de Processo.

## **ABSTRACT**

Taking into account the need for studies on interventions with men accused of violence as a way of preventing and eradicating it, this research proposed to evaluate the results from the process evaluation of and focus groups of an intervention protocolo Grupo Psicoeducativo com Homens Acusados de Violência Contra a Mulher (GPHAV), in the face-to-face and online modalities. This dissertation is composed of two articles that portray the intervention with accused men and has a qualitative, exploratory and descriptive design. The first article refers to the qualitative analysis of two focus groups that were part of an intervention protocol, with a focus group carried out at the beginning and another at the end of the intervention. With this study, it was possible to know the main perspectives of men on topics such as chauvinism, violence, conflicts in life together, impact of marital problems, responsibility in conflicts and gender stereotypes. In addition, the group factor of the intervention was considered as fundamental so that it was possible for men to contrast information brought by the intervention to their old perspectives, making them flexible and building new understandings. The second article refers to the results of the qualitative evaluation of the process regarding an intervention with men accused of violence, according to its criteria: recruitment, context, fidelity, dose delivered, dose received, reach and implementation. It is understood that the intervention allowed the participants, from a welcoming and trusting space, to assimilate new information and build new, more flexible conceptions, as well as to assume a more critical stance on issues such as chauvinism. It is considered that much still needs to be understood and carried out in order to effectively combat violence in the Brazilian reality, for that, more systematic research is suggested in addition to studies that can analyze the impacts of these interventions in the long term.

**Keywords:** Violence; Violence Against Women; Intimate Partner Violence; Gender; Masculinity; Men; Process Evaluation.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
VPI	Violência por Parceiro Íntimo
WHO	World Health Organization
GPHAV	Grupo Psicoeducativo com Homens Acusados de Violência Contra a Mulher

## APRESENTAÇÃO

Cresci vendo minha avó fazendo trabalho voluntário e implicada em ajudar a comunidade. Via minha mãe muito dedicada aos seus alunos, como a professora que ela amava ser, e meu pai de coração mole sempre ajudando as pessoas que trabalhavam com ele. A dedicação em ajudar outras pessoas a terem mais dignidade sempre foi presente. Tive modelos para sensibilizar um olhar de empatia pelo outro. O cuidado e direcionamento ao outro foram presentes em todos os meus exercícios profissionais. Primeiro, me tornei professora, depois, psicóloga.

Meu primeiro contato com a Psicologia foi por meio do Serviço Escola no qual fui bolsista, e pude presenciar, além dos bastidores dos atendimentos psicológicos, as situações de vulnerabilidade que se encontravam as pessoas que recorriam ao serviço. Nessa ocasião conheci tanto minha orientadora de mestrado, que me inspirou desde os primeiros contatos, quanto as primeiras intervenções com relação à situações de violência. Ali, fazíamos uma ponte entre instituição de ensino em Psicologia e os órgãos responsáveis pela garantia de direitos daquelas pessoas. Aprendi muito, não só sobre manejo e encaminhamento, mas também sobre vida.

Foi neste espaço que ouvi a primeira vez sobre a UFCSPA. Uma colega compartilhou comigo um artigo que havia sido produzido por alunos da UFCSPA. Ela me disse: "É uma universidade ainda pequena, mas já produzem muito". Eu, que nunca tinha ouvido falar, fui direto pesquisar e me apaixonei. Tinha muito do que eu considero valor ali. Me encantei pela sensação por trás da percepção da minha colega. Conectou com a minha percepção sobre conhecimento: humildade e trabalho. A UFCSPA ficou guardada como uma importante sementinha dentro de mim. Essas características conectaram com partes fundamentais da minha história.

O mestrado veio como uma oportunidade de crescimento e aprendizagem. Realizar um programa de pós-graduação como este, em meio a uma pandemia, exigiu muitos exercícios de flexibilidade. O protocolo de intervenção que havia sido construído para a modalidade presencial, recebeu a construção de uma versão on-line e assim, esta caminhada de mestrado resultou na produção de dois artigos que compõem esta dissertação: um artigo que avaliou a aplicação de um protocolo de intervenção com homens na modalidade presencial (realizado antes da pandemia); e de um protocolo de intervenção com homens na modalidade on-line (realizado durante a pandemia). O primeiro artigo buscou compreender as repercussões da intervenção por intermédio da análise qualitativa de grupos focais, sendo um grupo focal realizado pré intervenção e outro desenvolvido após a intervenção. Este protocolo foi realizado no formato presencial, contou com 12 encontros e teve a participação de 10 homens. Já o segundo artigo se propôs a avaliar um protocolo

na modalidade online, por meio da avaliação de processo, compreendendo aspectos como qualidade, fidelidade e integridade da intervenção realizada, sendo a mesma composta por 9 encontros e com a participação de 11 homens.

Poder contribuir com os estudos sobre violência foi desafiador e ao mesmo tempo fonte de esperança: esperança de que um dia as pessoas tenham uma vida com mais direitos e dignidade. Trabalhar com homens acusados de violência me proporcionou lições preciosas de vida. *“O que sobrou da tempestade? Se você ainda está de pé, sobrou o recomeço”* (frase de Filipe Mantovan). Passei a desejar que, independente das tempestades da vida, possamos ter força para tantos recomeços quanto forem necessários.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO – REVISÃO DE LITERATURA E CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>20</b>
<b>3 REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>21</b>
<b>4 ARTIGO 1</b>	<b>27</b>
<b>5 ARTIGO 2</b>	<b>51</b>
<b>6 CONCLUSÃO GERAL</b>	<b>76</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>79</b>
ANEXO A	80

## 1 INTRODUÇÃO – REVISÃO DE LITERATURA E CONTEXTUALIZAÇÃO

A violência é considerada um problema mundial, além de ser um fenômeno de violação de direitos e dignidade, que não distingue raça, idade, condição socioeconômica ou mesmo escolaridade (Marziale, 2004). Define-se violência como o uso intencional de força física ou poder, de forma efetiva ou por meio de ameaça, que resulte ou, tenha probabilidade de resultar em lesão, dano psicológico, prejuízo no desenvolvimento, privação ou mesmo morte. Nesse sentido, a intenção do ato violento já se considera uma violência, independente da consequência gerada por ele (WHO, 1996; Krug et al., 2002). Os tipos de violência elencados pela Organização Mundial de Saúde se classificam em: violência física, sexual, psicológica ou que envolva privação ou negligência (Krug et al., 2002). A violência contra a mulher é classificada como uma das formas mais prevalentes de violência (WHO, 2005).

De acordo com a Lei Maria da Penha (11.340/2006), a violência contra a mulher se divide em cinco dimensões, sendo elas: a violência física, que diz respeito a qualquer conduta que prejudique a integridade ou saúde corporal; a violência psicológica, que diz respeito a qualquer conduta que lhe cause dano emocional ou diminuição da autoestima, prejudique o pleno desenvolvimento ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; a violência sexual, que diz respeito a qualquer conduta que imponha relação sexual não desejada, ou que limite, ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; a violência patrimonial, que diz respeito a retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos ou documentos pessoais; e, por fim, a violência moral, que diz respeito a atos de calúnia, difamação ou injúria (Brasil, 2006).

O Instituto Datafolha (2017) realizou uma pesquisa com 833 mulheres vítimas de agressão. Destas mulheres, 61% das mulheres alegaram conhecer os homens que as agrediram sendo que 19% eram o seu parceiro íntimo atual e 16% eram seus ex-parceiros íntimos. Os dados sobre feminicídio e VPI são altíssimos na realidade brasileira (Waiselfisz, 2015). No contexto da Covid-19, os dados foram ainda mais preocupantes, o *World Bank* (Bastos, Carbonari & Tavares, 2020) serviço de para suporte telefônico à mulher em situação de violência, registrou aumento em 27% das denúncias, via telefone, nos primeiros meses de implementação das medidas de isolamento social, entre março e abril de 2020. O agravamento no panorama da violência contra a mulher é reforçado também pelo aumento em 22,2% nos casos de feminicídio nos meses mencionados (Bastos, Carbonari & Tavares, 2020).

A violência por parceiro íntimo (VPI) é considerada, atualmente, como a principal forma de violência contra a mulher (Niolon et al., 2017). Caracterizada pela violência física, sexual, perseguição ou agressão psicológica (como coerção e controle, por exemplo) perpetrada por um atual ou ex-parceiro íntimo (cônjuge, namorado/a ou parceiro sexual), que, em sua maioria é homem (Niolon et al., 2017). A VPI portanto se configura por ações que causem algum dano às pessoas envolvidas em um relacionamento íntimo, ações que sejam geradoras de dano como por exemplo: agressão física; abuso psicológico, intimidação, depreciação e humilhação; coerção ou abuso sexual; controle ou inibição de comportamentos da parceira (WHO, 2005; Brasil, 2006). A VPI apresenta sérias consequências, imediatas e a longo prazo, tanto para a mulher, quanto para as pessoas que estão próximas (WHO, 2005). Ilustrando esses prejuízos, se evidenciou em um estudo que mulheres que sofreram VPI apresentaram mais casos de asma, síndrome do intestino irritável, diabetes e problemas de saúde mental, do que mulheres que não vivenciaram essa violência (Breiding et al., 2014). Além disso, sentimentos de inadequação, ansiedade, depressão e baixa autocompaixão são prejuízos significativos nas mulheres que sofreram esse tipo de violência (Zancan & Habigzang, 2018). Os principais tipos de violência por parceiro íntimo são chamados de terrorismo íntimo, resistência violenta, violência situacional e controle violento mútuo (Johnson, 2006). Os mesmos são definidos a partir da avaliação do uso coercitivo da violência em uma disputa de controle entre os parceiros. O terrorismo íntimo é exercido principalmente por homens e se caracteriza pelo uso de meios coercitivos para manter seu poder e controle sobre a parceira (Johnson, 2006). Nesse sentido, a VPI deflagra a assimetria de poder em que os gêneros estão colocados socialmente, na qual os homens são superiores às mulheres (Stith et al., 2012).

O gênero pode ser compreendido como uma construção social, preconizando e dando sentido às relações entre homens e mulheres (Nogueira et al., 2005). Também considerada uma violência de gênero, a VPI precisa ser compreendida levando-se em conta os estereótipos sociais atribuídos a homens e mulheres, com relação a construção social do que é ser homem e ser mulher e em como essas expectativas sociais fortalecem a dominação masculina nos relacionamentos íntimos (Silva, 2016). Esses estereótipos são transmitidos tanto transgeracionalmente quanto socialmente e impõem regras e modelos estereotipados aos homens e às mulheres quanto a forma de se relacionar, agir e ser, exercendo com isso forte influência na VPI (Bustamante, López & Macías, 2019). Enquanto que às mulheres são impostas formas de submissão, aos homens são legitimadas formas de poder e dominação, que também tem seus reverses. O machismo, por conseguinte, deve ser atribuído a homens e mulheres, sendo consequência de uma sociedade patriarcal e machista (Vinhas, 2010; Toneli et al., 2017). Questionar os estereótipos lineares de agressor/vítima e ampliar a visão a respeito da violência de forma a contemplar a

complexidade desse fenômeno e suas especificidades são ações fundamentais no trabalho de prevenção e combate à violência (Beiras et al., 2012). Portanto, intervenções baseadas na perspectiva de gênero se caracterizam por abordar aspectos relacionados ao poder e controle exercido pelos homens sob as mulheres, no intuito de esclarecer e neutralizar essa assimetria (Antezana, 2012).

Os estereótipos de gênero contribuem para que meninos sejam ensinados a reprimir suas emoções e a expressar somente a raiva, que por sua vez é incentivada socialmente, fator que se relaciona à VPI (Acosta & Barker, 2003). Neste sentido, os homens aprendem quando pequenos e exercitam ao longo da vida a transformar diferentes emoções em raiva, que além de ser dirigida aos outros, também se transforma em violência dirigida a si mesmos, como no caso do abuso de substâncias e dos comportamentos autodestrutivos (Kaufman, 1999). Kaufman (1999) descreve os Sete "Ps" da violência dos homens, os quais são pontos que ilustram os prejuízos do estereótipo masculino, que privilegia por um lado, mas, exige por outro, e tem a violência como uma característica transversal a, sendo eles: 1) poder patriarcal, constituído por um contexto que tem como principal função manter o poder do homem através de uma estrutura social de violência; 2) privilégios, no qual envolvem tanto privilégios concretos como, por exemplo, o uso da violência, quanto a percepção do homem em merecer certos privilégios - que se não forem concebidos, também podem se tornar gatilho para violência; 3) permissão, na qual a violência contra a mulher, além de ser banalizada, é explicitamente encorajada, e a violência entre homens é celebrada nos filmes e nos esportes, por exemplo; 4) paradoxo do poder masculino, refere-se às armaduras que os homens constroem para si, que tanto os isolam do contato afetivo, quanto promovem uma atmosfera de poder e superioridade; 5) armadura psicológica da masculinidade, uma espécie de negação e rejeição de qualquer característica que seja ou que pareça feminina; 6) pressão psíquica, na qual os homens são ensinados a não expressar suas emoções e sentimentos, com exceção da raiva; 7) e, por fim, experiências passadas, que referem-se ao aspecto transgeracional da violência, que em geral os homens modelam de seus pais e que se constitui uma regra familiar e social (Kaufman, 1999). A masculinidade estereotipada atravessa todos esses pontos e destaca, além da violência, as aprendizagens sociais que os homens adquirem de forma transgeracional e social.

Nesse sentido, a transgeracionalidade da violência reforça a complexidade do fenômeno ao explicitar que condutas violentas podem ser transmitidas para as gerações subsequentes, mantendo a violência vivenciada por diferentes gerações (Boeckel et al., 2014). Além disso, ter sofrido vivências violentas em algum momento do ciclo vital pode levar o indivíduo a reproduzir a mesma violência em suas relações familiares. Por outro lado, quando há a oportunidade de significar e contextualizar a vivência sofrida, é possível

interromper de forma preventiva o que ciclo transgeracional da violência se prolongue para a próxima geração e, com isso, promover para aquela família modelos relacionais mais saudáveis (Colossi, Marasca & Falcke, 2015). Tendo em vista o elemento transgeracional da violência, se faz necessário que as intervenções com homens acusados de violência possam contextualizar os comportamentos violentos a partir das histórias de vida e de forma a associar estas aprendizagens a uma esfera social produtora da relação masculinidades e violência (Beiras & Cantera, 2012). Assim, o rompimento do ciclo da violência e das condições geradoras da mesma são aspectos que precisam ser considerados nas intervenções e ações de prevenção a violência (Toneli, Beiras & Ried, 2017). Ademais, para intervenções em VPI efetivas e capazes de contribuir com a interrupção da violência, é fundamental que as mesmas estejam estruturadas de uma maneira na qual as questões sociais da correlação masculinidade e violência sejam inseridas, bem como, todas as particularidades desse tipo de violência (Silva, 2016; Toneli, Beiras & Ried, 2017).

Tendo em vista a compreensão do fenômeno na sua complexidade, destaca-se a importância no trabalho com homens acusados de violência a partir da utilização do pensamento sistêmico novo paradigmático (Vasconcellos, 2013). Assim como, o entendimento da violência em toda sua complexidade, tendo em vista a necessidade do trabalho com todos os envolvidos nas situações de violência, especialmente, os homens como parte fundamental das estratégias de erradicação da violência e promoção da equidade de gênero (Machado, 2014; Beiras & Cantera, 2014; Beiras & Bronz, 2016; Toneli, Beiras & Ried, 2017), ainda que sejam ações recentes na realidade brasileira, requerendo mais investimentos (Beiras, 2014; Silva, Coelho & Moretti-Pires, 2014; Souza, Silva & Abreu, 2017; Nothaft & Beiras, 2019). As intervenções com homens autores de violência impactam além aqueles que recebem diretamente a intervenção, mas podem gerar efeitos que se prolonguem a nível de uma transformação social mais ampla, por fortalecer técnicas e políticas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e livre de violências (Beiras, et al., 2021).

Assim sendo, esta dissertação tem a perspectiva teórica sistêmica como base teórica, por levar em conta a complexidade e circularidade do fenômeno da violência e da dinâmica relacional. Além disso, a visão sistêmica baseia-se na ideia de que a violência e o conceito de gênero são relacionais. Essa perspectiva é congruente com intervenções mais amplas e que consideram todas as partes envolvidas com a violência, com o propósito de romper com ações dicotômica, lineares e que não seriam capazes de compreender o todo desse fenômeno (Beiras, 2012; Beiras et al., 2012). Ademais, o caráter psicoeducativo da intervenção tem o propósito de responsabilizar o homem autor de violência acerca de seus atos violentos, por intermédio da conceitualização e reflexão a respeito de temas como

violência e tipos de violência, estereótipos de gênero, entre outros. A intervenção que não se atém ao aspecto psicoeducativo pode vir a ser reforçadora da impunidade do homem autor de violência (Alvarez, 2006; Beiras et al., 2019), e em função disso, essa característica tem suma importância nas intervenções com homens. A psicoeducação também se baseia na perspectiva de que é possível mudar atitudes e aprender novas formas de relacionamento interpessoal, isso se aplica também ao homem autor de violência, um sujeito com possibilidade de aprender formas mais saudáveis e funcionais de relacionar-se (Toneli, Beiras & Ried, 2017).

Com o avanço nos estudos a respeito do trabalho com homens acusados de violência contra mulher, alguns pontos têm sido destacados como fundamentais, em se tratando de intervenções eficazes, como: compreender com os homens os fatores que contribuem para os comportamentos violentos; ensiná-los habilidades como manejo do estresse e da raiva, resolução de conflitos, comunicação respeitosa e práticas saudáveis de relacionamento; entender e significar a respeito das situações de violência vivenciadas por eles nas suas famílias de origem (Crockett et al., 2015); refletir acerca de masculinidades; bem como, buscar que os homens possam se conscientizar e mudar as concepções e comportamentos que estejam relacionados à violência (Antezana, 2012; Acosta & Bronz, 2014; Taliep, Lazarus & Naidoo, 2017). Por fim, ressalta-se que todos os estes aspectos mencionados precisam ser abordados em um ambiente seguro e que propicie a livre expressão dos participantes (Crockett et al., 2015). Um fator chave que é considerado chave nessas intervenções é auxiliar os homens na tomada de consciência e responsabilização de suas ações violentas (Antezana, 2012; Acosta & Bronz, 2014). Além disso, a perspectiva dos direitos humanos e os questionamentos acerca de aspectos sociais e culturais têm a potencialidade de enriquecer e embasar de forma mais sólida as intervenções (Toneli, Beiras & Ried, 2017).

Os autores Beiras, Nascimento e Incrocci (2019) sugerem que seja usada a perspectiva de gênero e de teorias feministas contemporâneas no trabalho com homens autores de violência, por terem como base os direitos humanos, a igualdade de gêneros e a desconstrução do patriarcado. Também ressaltam que os programas com homens autores de violência sejam de caráter reflexivo ou psicoeducativo e não terapêuticos, evitando não se interpretar como patológica a violência (Beiras, Nascimento & Incrocci, 2019). O trabalho com homens autores de violência a partir da perspectiva de gênero objetiva o engajamento dos homens na promoção da equidade de gênero, algo visto como essencial na prevenção da violência (Toneli, Beiras & Ried, 2017). Além disso, possibilita um entendimento além do linear, no qual o homem é o algoz e a mulher é a vítima, mas que permita um entendimento complexo e que abranja a sociedade e a dimensão relacional de gênero (Lima & Buchele, 2011). Oliveira (2016) salienta a importância do aprofundamento no aspecto das relações

de gênero e referências de masculinidade como centrais nos estudos sobre violência doméstica e familiar. Estudo de Taliep, Lazarus e Naidoo (2017) objetivou entender aspectos importantes da elaboração de programas preventivos de violência interpessoal focados em homens, como resultado, sugerem que os principais pontos na elaboração de intervenções com essa população, são: abordagem positiva, metodologias participativas e/ou interativas, suporte da comunidade, combinação de múltiplas intervenções, relevância cultural, foco intencional na masculinidade, conscientização e mudança de perspectiva e comportamento dos participantes (Taliep, Lazarus & Naidoo, 2017). Por fim, ressalta-se a importância do aspecto grupal da intervenção, por permitir aos homens se ouvirem, se identificarem com as falas dos outros e, por meio disso, se comprometerem com a conscientização a respeito das suas relações, bem como reconhecer no outro e em si atitudes violentas (Goulart et al., 2020).

As intervenções com homens acusados de violência são tanto fundamentais quanto desafiadoras (Beiras et al., 2012; Beiras, 2014; Silva, Coelho & Moretti-Pires, 2014; Souza, Silva & Abreu, 2017). Em função disso, estudos e programas com essa população precisam envolver a complexidade desse fenômeno e se distanciar de entendimentos reducionistas (Toneli, Beiras & Ried, 2017). O aprofundamento técnico e a padronização das intervenções nacionais com homens, como metodologias de avaliação e a ampliação de ações devidamente embasadas, são consideradas desafios e requerem mais aprofundamento e investimento (Beiras, et al., 2021). Iniciativas nacionais têm buscado construir e validar critérios para as intervenções com homens autores de violência, como o mapeamento nacional dos grupos para homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres (Beiras, et al., 2021), que propôs os seguintes aspectos a serem considerados: a) a importância de se trabalhar o aspecto gênero e o aprofundamento acerca de masculinidades; b) a postura da intervenção como parte do processo de justiça reparativa e de mudança, e não de punição ou penalização; c) a importância de se compreender teorias sobre patriarcado, colonialidade, racismos, machismos, sexismos, LGBTQIA+fobias, dentre outras formas de violência; d) a linguagem coerente aos pressupostos teóricos de transformação e não de rotulação apenas como "agressores" e sim "homens autor de violência"; e) o olhar interseccional atento a questões de raça e etnia, e classe social, diversidade geográfica, entre outros aspectos; f) o conhecimento sobre políticas de saúde do homem; g) o caráter reflexivo e responsabilizante, de forma colaborativa e que inclua os participantes na intervenção de forma ativa; h) a inserção de comunicação voltada à escuta e à promoção do diálogo, como a comunicação não violenta, por exemplo; i) a inserção de estudos sobre a complexidade da dinâmica relacional da violência doméstica e intrafamiliar contra mulheres e dos ciclos de poder e controle; j) a avaliação de riscos; k) as teorias sobre gênero e emoções, controle emocional e controle da raiva; l) o histórico de trabalho

com homens autores de violência internacionalmente e nacionalmente; a base acadêmica e científica; n) o enfoque múltiplo e interdisciplinar; o) o processo grupal psicoeducativo e reflexivo; p) a diferenciação entre espiritualidade e religiosidade; q) a priorização da espontaneidade e autoexpressão dos participantes (Beiras, et al., 2021).

Compreender de forma detalhada e aprofundada as etapas envolvidas na implementação de uma intervenção permite avanços e aprimoramentos das intervenções em saúde pública. Entender quais componentes da intervenção contribuíram para o bom andamento e resultados positivos da mesma é essencial na disseminação e no desafio de tornar a mesma mais acessível e abrangente (Linnan & Steckler, 2002), sendo essa uma necessidade no caso das intervenções com homens acusados de violência no Brasil (Beiras, 2014; Nothhaft & Beiras, 2019). O grupo focal é uma ferramenta de pesquisa qualitativa que possibilita compreender as percepções, concepções e sentimentos dos participantes com relação à temática proposta, por meio de um ambiente permissivo e encorajador, no qual as percepções e pontos de vista individuais possam ser compartilhados com os demais (Creswell, 2010). Algumas características são essenciais para a realização de um grupo focal, como por exemplo: ser um grupo pequeno, de quatro a 12 participantes, no qual os indivíduos tenham características comuns; fornecer informações necessárias sobre o tema abordado; ter em foco um debate; e, colaborar para a compreensão de uma questão específica (Krueger, 1994). Por intermédio do grupo focal os participantes podem expressar e refletir sobre suas concepções a partir de questionamentos sobre um determinado tema, além de ouvir as percepções dos outros participantes e se identificar, ou não, com as mesmas (Creswell, 2010). A avaliação de programas com homens acusados de violência é considerada uma tarefa de difícil realização. A metodologia qualitativa é considerada uma alternativa colaborativa para solucionar este problema por permitir maior exploração a respeito dos temas que se deseja compreender em maior profundidade e, a partir da análise das informações e contextos, a construção de novas teorias e concepções (Creswell, 2010).

Considerando a importância do alcance dos avanços em saúde, o processo de avaliação é tido como uma parte indispensável nos protocolos de intervenção. Neste sentido, a avaliação deve estar presente em todas as etapas dos programas, como na avaliação das necessidades, da teoria do programa, do delineamento, da implementação, do processo, da execução, dos resultados e da eficiência da mesma (Cozby, 2003). Assim sendo, destaca-se a avaliação de processo uma maneira eficiente de se avaliar intervenções complexas, por dividir-se em critérios que se relacionam entre si e permitem que seja compreendida em mais detalhes a especificidades das intervenções que se propõe a analisar (Linnan & Steckler, 2002). Por essas razões, diferentes estudos elegeram a avaliação de processo como alternativa na avaliação de suas intervenções (Linnan &

Steckler, 2002; Inchley et al., 2007; Murta et al., 2012; Wight et al., 2012; Grant et al., 2013; Moore et al., 2015; Allen et al., 2018; Knight et al., 2018; Bonde et al., 2018).

Diante do que foi contextualizado, esta dissertação tem o propósito de compreender as particularidades de uma intervenção realizada a partir do Protocolo<sup>2</sup> Grupo Psicoeducativo com Homens Acusados de Violência Contra a Mulher (GPHAV), (Goulart, et al., 2018; Streit et al., no prelo; Gomes, Goulart & Boeckel, 2021). A avaliação se dará de forma qualitativa a partir dos dados dos grupos focais realizados na versão presencial, e por intermédio da avaliação de processo na versão on-line. Devido a pandemia de COVID-19, o protocolo presencial foi adaptado para ser realizado no formato on-line e em função disso uma nova versão deste protocolo foi construída. Espera-se que os resultados aqui compartilhados possam contribuir com os demais estudos deste tema, de forma a fomentar novas ações e intervenções com essa população. Sabe-se que muito ainda precisa ser feito e compreendido para combater a violência tendo em vista a sua complexidade; neste sentido, destaca-se a importância das iniciativas que dedicam-se a estudar e intervir nesta realidade.

---

<sup>2</sup> Este protocolo é parte de um estudo maior do produzido pela professora Dra Mariana Boeckel no Programa de Pós Graduação de Psicologia e Saúde da Universidade de Ciências da Saúde de Porto Alegre, que objetiva aplicar um protocolo de intervenção psicoeducativa em grupo com homens acusados de violência contra a mulher nas modalidades presencial e online.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Avaliar qualitativamente a aplicação do Protocolo Grupo Psicoeducativo com Homens Acusados de Violência Contra a Mulher (GPHAV), na modalidade presencial e na modalidade on-line.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

#### **2.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS - Estudo 1:**

- Conhecer as percepções dos homens que participaram do protocolo a respeito de gênero, conjugalidade e violência, no início do protocolo e ao final;
- Compreender as repercussões da intervenção e os principais contrastes nas concepções dos homens que participaram da mesma.

#### **2.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS - Estudo 2:**

- Analisar a aplicação da intervenção a partir dos critérios da avaliação de processo: recrutamento, contexto, fidelidade, dose entregue, dose recebida, alcance e implementação;
- Refletir sobre as percepções dos homens a respeito da intervenção.

### 3 REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA

- Acosta, F., & Barker, G. (2003). *Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS.
- Acosta, F., & Bronz, A. (2014). Desafios para o trabalho com homens em situação de violência com suas parceiras íntimas. In: BLAY, E. A. (Org.). *Feminismos e masculinidades. Novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Allen, J. D., Shelton, R. C., Emmons, K. & Linnan, L. A. (2018). Fidelity and Its Relationship to Implementation Effectiveness, Adaptation, and Dissemination. In Brownson, R. C., Colditz, G. A. & Proctor, E. K., *Dissemination and Implementation Research in Health: Translating Science to Practice*. Oxford University Press.
- Alvarez, A. (2006). Criterios de calidad para intervenciones con hombres que ejercen violencia en la pareja. Grupo 25. *Cuadernos para el Debate*, Madrid: Fundación Mujeres.
- Antezana, A. P. (2012). Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n. 42, p. 9-27.
- Bastos, G., Carbonari, F., & Tavares, P. (2020). *Addressing Violence against Women under COVID-19 in Brazil: O Combate à Violência contra a Mulher (VCM) no Brasil em época de COVID-19*. The World Bank/ Grupo Banco Mundial, 2020. Recuperado de: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/807641597919037665/pdf/Addressing-Violence-against-Women-VAW-under-COVID-19-in-Brazil.pdf>
- Beiras, A., et al. (2021). Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência contra mulheres no Brasil: mapeamento, análise e recomendações [recurso eletrônico] Dados eletrônicos. Florianópolis: CEJUR.

- Beiras, A., & Bronz, A. (2016). Metodologia de grupos reflexivos de gênero. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016.
- Beiras, A., & Cantera, L. M. (2012). Narrativas pessoais, construções de Masculinidades – aportações para a atenção psicossocial a homens autores de violência. *Psico*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, pp. 251-259, abr./jun. Recuperado de: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10023/805>
- Beiras A., Moraes M., Alencar-Rodrigues R., & Cantera L. M. (2012). Políticas e Leis sobre violência de gênero – reflexões críticas. *Psicologia e Sociedade*, v. 24, n. 1, pp. 36-45.
- Beiras, A. (2014). *Relatório Mapeamento de Serviços de atenção grupal a homens autores de violência contra mulheres no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Boeckel, M. G., Blasco-Ros, C., Grassi-Oliveira, R., & Martínez, M. (2014). Child abuse in the context of intimate partner violence against women: The impact of women's depressive and posttraumatic stress symptoms on maternal behavior. *Journal of interpersonal violence*, 29(7), 1201-1227.
- Bonde, A. H., Stjernqvist, N. W. & Sabinsky, M. S., et al. (2018). Process evaluation of implementation fidelity in a Danish health-promoting school intervention. *BMC Public Health* 18, 1407. Recuperado de: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6289-5>
- Breiding, M. J., Chen, J. & Black, M. C. (2014). *Intimate Partner Violence in the United States - 2010*. Atlanta: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Bustamante, C. M., López, R. Q., & Macías, M. A. (2019). La violencia masculina en la pareja como proceso relacional: Un desafío de superación cultural. *Masculinidades y cambio social*, 8(3), 307-331. doi:10.17583/MCS.2019.3809
- Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De Geração em Geração: A violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.

- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. 3. Ed. São Paulo: Artmed.
- Crockett, E. E., Keneski, E., Yeager, K., & Loving, T. J., (2015). Breaking the Mold: Evaluating a Non-Punitive Domestic Violence Intervention Program. *J Fam*, Vol. 30, 489–499.
- Gomes, J. M., Goulart, A., & Boeckel, M. G. (2021). Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência Contra a Mulher. In Zamora, J.C. & Habigzang, L. F. (Eds.), *Contribuições da Psicologia para Enfrentamento à Violência Contra Mulheres: aportes teóricos e práticos* (pp. 269-300). Porto Alegre, RS: Ed. Dialética. doi: doi.org/10.48021/978-65-252-0885-5
- Goulart, A. D., Gomes, J. M., Boeckel, M. G., & De Antoni, C. (2018). *Elaboração e avaliação de um protocolo de intervenção psicossocial em grupo com homens acusados de violência contra a mulher: Um estudo piloto*. Porto Alegre: UFCSPA. CAAE: 05023018.0.0000.5345.
- Goulart, A. D., Gomes, J. M., & Boeckel, M. G. (2020). Intervenções com Homens Acusados de Violência por Parceiro Íntimo: Revisão Sistemática da Literatura. *Contextos Clínicos*, 13(1) jan./abr. Recuperado de: <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.13> 270
- Grant, A., Treweek, S., & Dreischulte, T. et al. (2013). Process evaluations for cluster-randomised trials of complex interventions: a proposed framework for design and reporting. *Trials* 14, 15. Recuperado de: <https://doi.org/10.1186/1745-6215-14-15>
- Inchley J., Muldoon J., & Currie C. Becoming a health promoting school: evaluating the process of effective implementation in Scotland. *Health Promot Int*, 22(1):65–71, 2007. Recuperado de: <https://doi.org/10.1093/heapro/dal059>
- Instituto Datafolha. (2017). Visível e invisível: A vitimização da mulher no Brasil. Brasil: *Instituto DataFolha de pesquisas e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)*, março, 2017.
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence against women*, 12(11), 1003-1018.

- Kaufman, M. (1999). Los siete P's de la violencia de los hombres. *Asociación Internacional para Estudios sobre Hombres*. International Association for Studies of Men, v. 6, n. 2.
- Knight, L., Allen, E. & Mirembe, A. et al. (2018). Implementation of the Good School Toolkit in Uganda: a quantitative process evaluation of a successful violence prevention program. *BMC Public Health* 18, 608. Recuperado de:  
<https://doi.org/10.1186/s12889-018-5462-1>
- Krueger, R. A. (1994). *A Practical Guide for Applied Research*. SAGE Publications.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization.
- Lima, D. C. & Buchele, F. (2011). Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 721-743.
- Linnan, L., & Steckler, A. (2002). Process evaluation for public health interventions and research: An overview. In A. Steckler & L. Linnan (Eds.), *Process evaluation for public health interventions and research* (pp. 1-21). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Machado, M. F. (2014). *Prevenção, atenção e enfrentamento à violência doméstica contra a mulher – Grupo reflexivo de gênero, uma experiência exitosa*. In: Relatório Lilás (2014) Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.
- Marziale, M. H. P. (2004). A Violência no Setor Saúde. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v.12, n. 2, p. 147-148.
- Moore, G. F., Audrey S., Barker M., Bond L., Bonell C. & Hardeman W., et al. (2015). Process evaluation of complex interventions: Medical Research Council guidance. *BMJ*. 350:h1258. Recuperado de: <https://doi.org/10.1136/bmj.h1258>
- Murta, S. G., Rodrigues, A. C., Rosa, O. I., & Paulo, S. G. (2012). Avaliação de um Programa Psicoeducativo de Transição para a Parentalidade. *Paidéia*. set.dez. 2012, Vol. 22, No. 53, 403-412. Recuperado de:  
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201312>

- Niolon, P. H., Kearns, M., Dills, J., Rambo, K., Irving, S., Armstead, T., & Gilbert, L. (2017). *Preventing Intimate Partner Violence Across the Lifespan: A Technical Package of Programs, Policies, and Practices*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Nogueira, C., Nevez, S., & Barbosa, C. Fundamentos construcionistas e sociais para os estudos de gênero. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 1-15, 2005.
- Nothaft, R. J., & Beiras, A. (2019). O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, e56070.
- Oliveira, I. V. de. (2016). *'Homem é homem': narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha*. Tese, Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Silva, A. C. L. G. (2016). *Violência por Parceiro Íntimo: o acompanhamento ao homem autor de violência*. Tese doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Florianópolis, SC, Brasil.
- Silva, A. C. L. G. da, Coelho, E. B. S., & Moretti-Pires, R. O. (2014). *O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Saúde Pública, Florianópolis, SC, Brasil.
- Souza, M. B., Silva, M. dos S., & Abreu, G. S. (2017). Violência Doméstica entre Parceiros Íntimos: Questões Culturais e Sociais acerca dos Homens Autores de Violência. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* V.11, N. 38. 2017 - ISSN 1981-1179.
- Streit, A. C. S. e S., Goulart, A. D., Gomes, J. M., Abianna, M. C., Boeckel, M. G., & Alves, P. G. e (no prelo) Protocolo de Intervenção Online com Homens Acusados de Violência contra a Mulher: Experiência no Sul do Brasil *in* Beiras, A., Salete, S. S., Michelle, de S. G. H. & Martins, D. F. W. Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no brasil: experiências e práticas.

- Taliep, N., Lazarus, S., & Naidoo, A. V. (2017). A qualitative meta-synthesis of interpersonal violence prevention programs focused on males. *Journal of interpersonal violence*. Recuperado de: <https://doi.org/10.1177/0886260517748414>
- Toneli, M. J., Beiras, A., & Ried, J. (2017). Homens autores de violência contra mulheres: políticas públicas, desafios e intervenções possíveis na América Latina e Portugal. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 51, n. 1, p. 174-193, nov. 2017. ISSN 2178-4582. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n1p174>
- Vasconcellos, M. J. E. de. (2013). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Vinhas, W. (2010). *Construção social da violência e direitos humanos*. UNEB, Irecê.
- Wagner, A., Falcke, D., & Mosmann C. P. (2015). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*. São Leopoldo, Editora Sinodal.
- Waiselfisz, J. (2015). *Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015. Recuperado de <[https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>
- Wight D., Plummer M., & Ross D. (2012). The need to promote behaviour change at the cultural level: one factor explaining the limited impact of the MEMA kwa Vijana adolescent sexual health intervention in rural Tanzania. A process evaluation. *BMC Public Health*. 12:788.
- World Health Organization. (1996). *The world health report 1996: fighting disease; fostering development*. Recuperado de: <https://bit.ly/2NXFl0F>.
- World Health Organization. (2005). *Multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses*. Geneva: WHO.

World Health Organization. (2016). *Violence against women, Intimate partner and sexual violence against women*, Fact Sheet. Recuperado de <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/>

Zancan, N., & Habigzang, L. F. (2018). Regulación emocional, síntomas de ansiedad y depresión en mujeres con historia de violencia conjugal. *Psico-USF*, 23(2), 253-265. doi:10.1590/1413-82712018230206

## 4 ARTIGO 1

## 5 ARTIGO 2

## 6 CONCLUSÃO GERAL

Este estudo teve como objetivo avaliar o Protocolo Grupo Psicoeducativo com Homens Acusados de Violência Contra a Mulher (GPHAV), nas suas versões presencial e on-line, por meio da análise qualitativa, sendo a coleta dos dados provenientes dos grupos focais e da avaliação de processo. Como já discutido ao longo deste trabalho, a transgeracionalidade da violência evidencia a urgência em interromper os ciclos violentos e prejuízos para além do momento presente em que os atos violentos acontecem. O olhar para a transgeracionalidade pode ser compreendido como um possível recurso de prevenção, ao assumir-se que ciclos transgeracionais mais saudáveis e funcionais nas relações podem ser aprendidos e passados para a próxima geração (Colossi, Marasca & Falcke, 2015). Neste sentido, interromper ciclos violentos é uma importante via de combate à violência, podendo ser efetivada por intermédio da psicoeducação, da reflexão crítica e da construção de significados. Baseando-se nisso, este protocolo de intervenção buscou viabilizar um espaço de reflexão acerca de ideias e perspectivas pré-estabelecidas e de novas aprendizagens. Por se tratar de uma proposta reflexiva e psicoeducativa, o aspecto da aquisição de novas concepções se fez transversal na intervenção. Outros aspectos que levam em conta a relacionalidade entre os elementos deste contexto recebem destaque, como as dualidades culpado X vítima ou causa X efeito, que não são suficientes para ilustrar a dinâmica relacional e toda a complexidade que permeia a intervenção com homens acusados de violência.

A primeira versão do protocolo foi aplicada na modalidade presencial, após um importante período de construção, validação e lapidação do protocolo - processo realizado no grupo de pesquisa com diferentes colegas e contando com a dedicação de muitas mãos empenhadas e talentosas. No entanto, a imprevisibilidade da pandemia da COVID-19 em 2020 e 2021, em função do período de distanciamento social, demandou mudanças no percurso da pesquisa em torno deste protocolo. Transcorridos meses de pandemia, deparou-se com os atrasos impostos por toda a incerteza daquele momento, tendo em vista ser preciso garantir a segurança de toda população. Com a prolongação da situação, buscou-se entender se seria possível viabilizar a adaptação do protocolo presencial para o formato on-line. Com isso, mais estudos foram feitos e tiveram início as primeiras elaborações de adequação da intervenção. Muitos ajustes, flexibilizações e mais trabalho foram necessários para que se pudesse viabilizar a aplicação do protocolo no formato online, antes, nem imaginado. A transição para o formato on-line exigiu a adaptação do protocolo em diferentes aspectos, como novas revisões, pesquisas e decisões em grupo. Esses reajustes foram os primeiros desafios enfrentados neste estudo, que resultou na construção de um formato on-line do protocolo, a partir do protocolo presencial já

estruturado. Se, por um lado, a modalidade presencial se mostrava desafiadora por ser realizada no ambiente do Fórum e, em função deste contexto reforçador do caráter judicial e punitivo do mesmo; por outro, a modalidade on-line foi impactada pelo ambiente doméstico, que não era mais pré-estabelecido pelos coordenadores da intervenção, mas sim, pelos próprios homens. O aspecto jurídico se interpõe ao formato on-line, mas, indiretamente, ao se levar em conta o processo no qual os homens têm em andamento, e o fator da gravação dos encontros, por também reforçarem sentimentos como desconfiança e julgamento. Ao protocolo e aos coordenadores foram exigidas novas habilidades, especialmente o manejo de limites e na criação de um contrato com o grupo que contemplasse a forma de se comportar no ambiente de reuniões on-line, até então desconhecida para a grande maioria das pessoas.

A modalidade on-line ofereceu aos participantes elementos como a segurança de estar nas suas próprias casas e a comodidade de não precisarem se deslocar, por exemplo. Ao passo que apresentou novos desafios aos coordenadores, demandando maior rigor, flexibilidade e desenvoltura, com intuito de manter as combinações necessárias para o bom andamento e realização das atividades previstas. A intervenção no contexto on-line pode sofrer facilmente a intercorrência de familiares, crianças pequenas, tarefas domésticas, além da frequente falta de um espaço individual, que precisa ser construído para o grupo, e, muitas vezes, raro em algumas dinâmicas relacionais mais emaranhadas. Além disso, os comportamentos verbais são intensificados, enquanto que os não verbais se fazem presentes basicamente na forma das expressões faciais, pois é preciso contar com a mediação de câmeras e microfones para que a comunicação aconteça. O ambiente on-line foi gerador de excentricidades e particularidades viabilizados pela intervenção ocorrida literalmente dentro das casas dos participantes. Para dar conta dessas interferências, o papel dos coordenadores foi essencial, deixando claro e retomando, sempre que necessário, o contrato estabelecido. Com essa intervenção foi possível considerar que o formato on-line foi capaz de gerar desconfortos e aprendizados tanto quanto o formato presencial. Considera-se ainda o ambiente virtual como facilitador de abertura, por se dar no ambiente doméstico, seguro e conhecido, diferente do presencial que ocorre dentro do Fórum. Os aspectos mencionados aqui são um pequeno recorte dos desafios contextuais entrepostos pelo período no qual este estudo foi realizado, que foram além dos desafios esperados para os que se propõe trabalhar com intervenções com homens acusados de violência, e se mostraram em uma nova faceta: a virtual. O protocolo encontra-se em constante aprimoramento, entretanto, a realização dos estudos desta dissertação apontam que as escolhas realizadas para esta intervenção foram acertadas e possibilitaram o atingir os objetivos propostos. As aplicações posteriores deste protocolo seguirão o estabelecido nessa versão.

Os encontros deste protocolo, tanto na modalidade on-line quanto na presencial, tiveram a intenção de ser um espaço de reflexão e desacomodação. Assim como os participantes foram convidados a repensar suas perspectivas acerca de diferentes conceitos, se faz necessário questionar as perspectivas concebidas a respeito dos homens acusados ou mesmo autores de violência contra a mulher, ao se levar em conta a transgeracionalidade da violência. Implicados na intervenção, os homens relataram ter vivenciado situações de violência, maus tratos e abusos ao longo da infância, como já observado na literatura científica. Encontraram no grupo um espaço seguro para compartilhar experiências de vida, como momentos nos quais se exigiram "virar homem" enquanto ainda eram meninos, e presenciavam suas mães sendo agredidas e violentadas, vivências permeadas por medo e desamparo. Esses meninos, em muitos casos, se sentiram responsáveis pelas agressões sofridas por suas mães, mas, estavam eles próprios sendo vítimas e testemunhas de violência familiar. Vivências como essas reforçam a complexidade da violência e requerem uma ampliação do olhar a respeito dessa realidade. Os estereótipos vítima/agressor se tornam muitas vezes dois lados de uma mesma moeda, como no caso desses homens. Considerar o contexto social no qual ainda prevalecem estereótipos acerca da masculinidade que faz tantos homens adoecerem e, por conseguinte, as mulheres e a sociedade como um todo, se faz proeminente. Ao não significarem suas vivências na família de origem com a violência, esses homens reproduzem a violência sofrida. Ao terem mais consciência sobre suas vivências com a violência, esses homens têm a chance de contextualizar os fatos, se responsabilizar pelo que lhes cabe, e, finalmente, escrever uma diferente história. Juntamente a esse olhar contextual e transgeracional, é fundamental que eles possam assumir as responsabilidades pelas suas condutas e comportamentos violentos de hoje, pois através da responsabilização será possível a interrupção deste ciclo tão deletério. A intervenção com homens é um espaço que viabiliza a construção de concepções nas quais a violência deixa de ser banalizada e passa a ser vista em sua gravidade.

Muito ainda é preciso compreender a respeito de intervenções com homens acusados de violência, por isso, ressalta-se a importância de mais estudos com essa população e de maior compartilhamento de intervenções que já estejam em andamento. Este estudo possui limitações, com destaque para o aspecto da desejabilidade social, imposto especialmente pelo contexto judicial, por ser um fator que pode dificultar a expressão mais espontânea dos participantes. Embora seja uma limitação, entendeu-se nesse estudo que os homens ao serem convidados a falarem sobre suas experiências pessoais, puderam se abrir e tiveram espaço para se expressar livremente, aspecto que minimiza a influência tanto da desejabilidade social, quanto do caráter punitivo do contexto jurídico. Entende-se que os resultados apresentados aqui se caracterizam como um

investimento inicial na prevenção deste fenômeno tão sério e multifacetado que é a violência. Que seja possível trabalhar muito mais para prevenir do que para reparar. Pensar masculinidades, gênero, equidade e intervenções com homens é pensar em prevenção, por mais que ainda a violência seja urgente e que precise ser duramente combatida. Pesquisas e intervenções com essa população são fortemente recomendadas, como por exemplo, estudos quantitativos, de avaliação de processo e de aprimoramento deste e de outros protocolos. Complexidade é uma palavra transversal neste trabalho, pois é preciso considerar todos os envolvidos: mulheres vítimas, homens vítimas e autores de violência, contexto social e histórico do qual toda a sociedade faz parte. Por fim, espera-se que a partir dos estudos aqui dissertados, seja possível inspirar outras intervenções com homens acusados de violência contra a mulher, levando-se em conta a importância da ampliação de ações que envolvam essa população.

## **ANEXOS**

### ANEXO A

Roteiro de Avaliação de Processo

## **ANEXO A**

### **Roteiro de Avaliação de Processo**

Data do encontro:

Encontro nº:

a) Elemento 1 – DOSE RECEBIDA:

Em que extensão os participantes estão praticando as técnicas e utilizando os recursos que lhes estão sendo disponibilizados na intervenção?

b) Elemento 2 – SATISFAÇÃO DO CONSUMIDOR

Em que extensão os participantes estão satisfeitos com o programa?

Então, sobre o encontro de hoje, o que vocês gostaram?

O que acham que podia ter sido melhor?

Gostariam de sugerir algo para melhorarmos se fôssemos ter este mesmo encontro de hoje com outros homens?

c) Elemento 3 – METAS INTERMEDIÁRIAS

Em que extensão as metas intermediárias previstas para o protocolo estão sendo alcançadas?

A - Descobertas ou novas aprendizagens dos participantes no encontro (perguntar para o grupo, ao fim do encontro: considerando o que conversamos hoje, houve algo novo para vocês? Algo que vocês aprenderam ou descobriram... sobre vocês, ou sobre as emoções, ou outros aspectos? Entre 1 e 5, como vocês julgam o grau de novidade que este encontro

trouxe para vocês?) 1 a 5 (1 = nenhuma descoberta; 5 = muitas descobertas). Listar as falas ou os comportamentos que evidenciam este grau de descoberta:

Grau de novidade:

B - Interesse do grupo (observar a participação/interesse do grupo no encontro, sem questionar o grupo, apenas o observador e os coordenadores respondem)

1 a 5 (1 = ausência de interesse; 5 = interesse máximo). Listar as falas ou os comportamentos que evidenciam este grau de interesse (elogios, questionamentos, atenção, assiduidade, pontualidade, ...):

C- Comunicação dos participantes (observar relações do grupo)

1 a 5 (1 = fala não apoiadora ou conflitante; 5 = fala apoiadora, não conflitante).

Listar as falas ou os comportamentos que evidenciam: discordância X concordância, expressão hostil X assertiva, empatia X acusação/indiferença, elogio X crítica... Tanto dos participantes entre si, quanto dos participantes com a coordenação do grupo:

D - Resistência do grupo (observar o nível de resistência do grupo)

1 a 5 (1 = ausência de responsividade/indiferença/ataque, 5 = responsividade/participação adequadas). Listas as falas ou os comportamentos que evidenciam isto:

d) Elemento 4 - FIDELIDADE

Em que extensão o programa fornecido está sendo fiel em seu conteúdo e duração em relação ao programa planejado? (fidelidade ou integridade = qualitativamente)

Hoje foi planejado...	Hoje foi feito...

e) Elemento 5 – CONTEXTO:

Que variáveis contextuais facilitaram ou dificultaram o andamento do encontro de hoje? Ou a adesão do grupo à intervenção?

(considerar elementos do ambiente físico, do ambiente social, horário, dia da semana, eventos ocorridos na rotina dos participantes, atuação do grupo, material usado, técnicas usadas ou outros aspectos relativos ao contexto geral da intervenção).

f) Elemento 6 – DESEMPENHO DO PROFISSIONAL

Atuação da coordenação (considerar preparação para a sessão; conteúdo, forma e tempo das verbalizações; clima do encontro; sentimentos e crescimento; sincronia da coordenação):

Aspectos positivos:

Aspectos a melhorar:

Gostariam de sugerir algo para melhorarmos se fôssemos ter este mesmo encontro de hoje com outros homens? [trazer a pergunta das descobertas e novas aprendizagens para cá e depois preencher a escala de metas intermediárias]